

The Project Gutenberg EBook of Viagens na Minha Terra, by Almeida Garrett

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: Viagens na Minha Terra
(Volume I)

Author: Almeida Garrett

Release Date: January 4, 2008 [EBook #24164]

Language: Portuguese

Character set encoding: ISO-8859-1

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK VIAGENS NA MINHA TERRA ***

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Nota de editor: Devido à quantidade de erros tipográficos existentes neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Jan. 2008)

OBRAS
DE
J. B. DE A. GARRETT.

VIII.

(PRIMEIRO DAS VIAGENS)

VIAGENS

NA MINHA TERRA

**POR J. B. DE ALMEIDA-
GARRETT.**

I

**LISBOA
NA TYPOGRAPHIA DA GAZETA DOS
TRIBUNAIS.
1846.**

Os editores d'esta obra, vendo a popularidade extraordinaria que ella tinha publicada em fragmentos na *Revista*, intenderam fazer um serviço ás letras e á gloria do seu paiz, imprimindo-a agora reunida em um livro, para melhor se podêr avaliar a variedade, a riqueza e a originalidade de seu stylo inimitavel, da philosophia profunda que incerra, e sôbre tudo o grande e transcendente pensamento moral a que sempre tende, ja quando folga e ri com as mais graves coisas da vida, ja quando seriamente discute por suas leviandades e pequenezas.

As *Viagens na minha terra*, são um d'aquelles livros raros que so podiam ser escriptos por quem, como o auctor de *Camões* e de *Catão*, de *D. Branca* e do *Portugal na Balança da Europa*, do *Auto de Gil-Vicente* e do *Tractado de Educação*, do *Alfageme* e de *Fr. Luiz de Souza*, do *Arco de Sanct'Anna* e da *Historia Litteraria de Portugal*, de *Adozinda* e das *Leituras Historicas* e de tantas producções de tam variado genero, possue todos os stylos e, dominando uma lingua de immenso podêr, a costumou a servir-lhe e obedecer-lhe;—por quem com a mesma facilidade sobe a orar na tribuna, entra no gabinete nas graves discussões e demonstrações da sciencia—voa ás mais altas regiões da lyrica, da epopeia e da tragedia, lida com as fortes paixões do drama, e baixa ás não menos difficeis trivialidades da comedia;—por quem ao mesmo tempo, e como que mudando de natureza, pôde dar-se todo ás mais aridas e materiaes ponderações da administração e da politica, e redigir com admiravel precisão, com uma exacção ideologica que talvez ninguem mais tenha entre nós, uma lei administrativa ou de instrucção pública, uma constituição politica, ou um tractado de commercio. [VI.]

Orador e poeta, historiador e philosopho, crítico e artista, jurisconsulto e administrador, erudito e homem d'Estado, religioso cultor da sua lingua e falando correctamente as extranhas—educado na pureza classica da antiguidade, e versado depois em todas as outras litteraturas—da meia-edade, da renascença e contemporanea—o auctor das VIAGENS NA MINHA TERRA é egualmente familiar com Homero e com o Dante, com Platão e com Rousseau, com Thucidides e com Thiers, com Guizot e com Xenophonte, com Horacio e com

Lamartine, com Machiavel e com Chateaubriand, com Shakspeare e Euripedes, com Camões e Calderon, com Goethe e Virgilio, Schiller e Sá-de-Miranda, Sterne e Cervantes, Fenelon e Vieira, Rabelais e Gil-Vicente, Addison e Bayle, Kant e Voltaire, Herder e Smith, Bentham e Cormenin, com os Encyclopedistas e com os Sanctos-Padres, com a Biblia e com as tradições sanscritas, com tudo o que a arte e a sciencia antiga, com tudo o que a arte emfim e a sciencia moderna teem produzido. Ve-se isto dos seus escriptos, e especialmente se ve d'este que agora publicâmos apezar de composto bem claramente ao correr da penna.

Mas ainda assim, e com isto somente, elle não faria [VII.] o que faz se não junctasse a tudo isso o profundo conhecimento dos homens e das coisas, do coração humano e da razão humana; se não fosse, além de tudo o mais, um verdadeiro homem do mundo, que tem vivido nas côrtes com os principes, no campo com os homens de guerra, no gabinete com os diplomaticos e homens d'Estado, no parlamento, nos tribunaes, nas academias, com todas as notabilidades de muitos paizes—e nos salões emfim com as mulheres e com os frivolos do mundo, com as elegancias e com as falsidades do seculo.

De tantas obras de tam variado genero com que, em sua vida ainda tam curta, este fecundo escriptor tem inriquecido a nossa lingua, é ésta talvez, tornâmos a dizer, a que elle mais descuidadamente escreveu: mas é tambem a que, em nossa opinião, mais mostra os seus immensos podêres intellectuaes, a sua erudição vastíssima, a sua flexibilidade de stylo espantosa, uma philosophia transcendente, e por fim de tudo, o natural indulgente e bom de um coração recto, puro, amigo da justiça, adorador da verdade, e inimigo declarado de todo o sophisma.

Tem sido accusado de sceptico: é a accusação mais absurda e que so denuncia, em quem a faz, ou grande ignorancia ou grande má fe. Quando o nosso auctor lança mão da cortante e destruidora arma do sarcasmo, que elle maneja com tanta fôrça e dexteridade, e que talvez por isso mesmo, conscio de seu podêr, elle rara vez toma nas mãos—veja-se que é sempre contra a hypocrisia, contra os sophismas, e contra os hypocritas e shopistas de *todas as côres*, que elle o faz. Crenças, opiniões, [VIII.] sentimentos, respeita-os sempre. As mesmas suas ironias que tanto ferem, não as dirige nunca sôbre

individuos; ve-se que despreza a facil vingança que, com tam poderosas armas, podia tomar de inimigos que o não poupam, de invejosos que o calumniam, e a quem, por cada dicterio insulso e ephemero com que o teem pretendido injuriar, elle podia condemnar ao eterno oppróbrio de um pelourinho immortal como as suas obras. Ainda bem que o não faz! mais immortaes são as suas obras, e quanto a nós, mais punidas ficam os seus emulos com esse desprêzo do homem superior que se não appercebe de sua malignidade insulsa e insignificante.

Voltando á accusação de septicismo, ainda dizemos que não pôde ser septico o espirito que concebeu, e em si achou côres com que pintar tam vivos, characteres de crenças tam fortes como o de Catão, de Camões, de Fr. Luiz de Sousa,—e aqui n'esta nossa obra, os de Fr. Diniz, de Joanninha, da Irman Francisca.

Não analysâmos agora as VIAGENS NA MINHA TERRA: a obra não está ainda completa e não podia completar-se portanto o juizo; dizemos somente o que todos dizem e o que todos podem julgar ja.

A nosso rôgo, e por fazer mais digna da sua reputação ésta segunda publicação da obra, o auctor prestou-se a dirigi-la elle mesmo, corrigiu-a, additou-a, alterou-a em muitas partes, e a illustrou com as notas mais indispensaveis para a geral intelligencia do texto: de modo que sahirá muito melhorada agora do que primeiro se imprimiu.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

Qu' il est glorieux d'ouvrir une nouvelle carrière, et de paraitre tout-à-coup dans le monde savant un livre de découvertes à la main, comme une cométe inattendue

étincelle dans l'espace!

X. DE MAISTRE.

CAPITULO I.

De como o auctor d'este erudito livro se resolveu a viajar na sua terra, depois de ter viajado no seu quarto; e como resolveu immortalizar-se escrevendo éstas suas viagens. Parte para Santarem. Chega ao Terreiro-do-Paço, imbarca no vapor de Villa-Nova; e o que ahi lhe succede. A Deducção-Chronologica e a Baixa de Lisboa. Lord Byron e um bom charuto. Travam-se de razões os Ilhavsos e os Bordas-d'agua: os da calça larga levam a melhor.

Que viagem á roda do seu quarto quem está á beira dos Alpes, de hynverno, em Turim, que é quasi tam frio como San'Petersburgo—intende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, onde a laranjeira cresce na horta, e o mato é de murta, o proprio *Xavier de Maistre*, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal. [2]

Eu muitas vezes, n'estas suffocadas noites d'estio, viajo até á minha janella para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua, e me inganar com uns verdes de árvores que alli vegetam sua laboriosa infancia nos intulhos do Caes-do-Sodré. E nunca escrevi éstas minhas viagens nem as suas impressões: pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha penna: pobre e suberba, quer assumpto mais largo. Pois hei de dar-lh'o. Vou nada menos que a Santarem: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se hade fazer chronica.

Era uma idea vaga, mais desejo que tenção, que eu tinha ha muito de ir conhecer as ricas varzeas d'esse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais historica e monumental das nossas villas. Aballamme as instancias de um amigo, decidem-se as tonterias de um jornal, que por mexeriquice quiz incabeçar em designio politico determinado a minha visita.

Pois por isso mesmo vou:—*pronunciei-me*.

[3]

São 17 d'este mez de julho, anno de graça de 1843, uma segunda-feira, dia sem nota e de boa estrea. Seis horas da manham a dar em San'Paulo, e eu a caminhar para o Terreiro-do-Paço. Chego muito a horas, invergonhei os meus madrugadores dos meus companheiros de viagem, que todos se prezam de mais matutinos homens que eu. Ja vou quasi no fim da praça, quando oiço o rodar grave mas pressuroso de uma carroça *d'ancien rège*: é o nosso chefe e commandante, o capitão da impreza, o Sr. C. da T. que chega em estado.

Tambem são chegados os outros companheiros: o sino dá o último rebate. Partimos.

N'uma *regata* de vapores o nosso barco não ganhava decerto o premio. E se, no andar do progresso, se chegarem a instituir alguns isthmicos ou olympicos para este genero de carreiras—e se para ellas houver algum Pindaro ancioso de correr, em strophes e antistrophes, atraz do [vencedor](#) que vai coroar de seus hymnos immortaes—não cabe nem um triste minguido epodo a este cançado corredor de Villa-nova. É um barco serio e sizudo que se não mette n'essas andanças.

[4]

Assim vamos de todo o nosso vagar contemplando este majestoso e pittoresco amphitheatro de Lisboa oriental, que é, vista de fôra, a mais bella e grandiosa parte da cidade, a mais characteristic, e onde, aqui e alli, algumas raras feições se percebem, ou mais exactamente se adivinham, da nossa velha e boa Lisboa das chronicas. Da Fundação para baixo tudo é prosaico e burguez, chato, vulgar e semsabor como um periodo da *Deducção Chronologica*, aqui e alli assoprado n'uma tentativa ao grandioso do mau gôsto, como alguma oitava menos rasteira do *Oriente*.

Assim o povo, que tem sempre melhor gôsto e mais puro do que essa escuma descórada que anda ao decima das populações, e que se chama a si mesma por excellencia a *Sociedade*, os seus passeios favoritos são a Madre-de-Deus e o Beato e Xabregas e Marvilla e as hortas de Chellas. A um lado a immensa majestade do Tejo em sua maior extensão e podêr, que alli mais parece um pequeno mar mediterraneo; do outro a frescura das hortas e a sombra das árvores, palacios, mosteiros, sitios

[5]

consagrados todos a recordações grandes ou queridas. Que outra sahida tem Lisboa que se compare em belleza com ésta? Tirado Bellem, nenhuma. E ainda assim, Bellem é mais arido.

Já saudámos Alhandra, a toireira; Villa-franca, a que foi de Xira, e depois da Restauração, e depois outra vez de Xira, quando a tal restauração cahiu, como a todas as restaurações sempre succede e hade succeder, em odio e execração tal que nem uma pobre villa a quiz para sobrenome.

—'A questão não era de restaurar nem de não restaurar, mas de se livrar a gente de um govérno de patuscos, que é o mais odioso e ingulhoso dos governos possiveis.'

É a reflexão com que um dos nossos companheiros de viagem accudiu ao princípio de ponderação que eu ia involuntariamente fazendo a respeito de Villa-franca.

Mas eu não tenho odio nenhum a Villa-franca, nem a esse famoso cirio que lá foi fazer à velha monarchia. Era uma coisa que estava na ordem das coisas, e que por fôrça havia de succeder. Este necessario e inevitavel reviramento por que vai passando o mundo, hade levar muito tempo, hade ser contrastado por muita reacção antes de completar-se... [6]

No entretanto vamos accender os nossos charutos, e deixemos os precintos aristocraticos da ré: á proa, que é paiz de cigarro livre!

Não me lembra que lord Byron celebrasse nunca o prazer de fumar a bórdo. É notavel esquecimento no poeta mais imbarcadiço, mais marujo que ainda houve, e que até cantou o injôo, a mais prosaica e nauseante das miserias da vida! Pois n'um dia d'estes, sentir na face e nos cabellos a brisa refrigerante que passou por cima da agua, em quanto se aspiram mollemente as narcoticas exalações de um bom cigarro da Havana, é uma das poucas coisas sinceramente boas que ha n'este mundo.

Fummemos!

Aqui está um campino fummando gravemente o seu cigarro de papel, que me vai imprestar lume. [7]

'Dou-lh'o eu, senhor...' accode cortezmente outra figura mui diversa, cujas feições, trajo e modos singularmente contrastam com os do *musarabe* ribatejano.

Accenderam-se os charutos, e attentámos mais de vagar na companhia em que estavamos.

Era com effeito notavel e interessante o grupo a que nos tinhamos chegado, e destacava pittorescamente do resto dos passageiros, mistura hybrida de trajos e feições descharacterizadas e vulgares—que abunda nos arredores de uma grande cidade maritima e commercial.—Não assim este grupo mais separado com que fomos topar. Constava elle de uns dôze homens; cinco eram d'esses famosos atletas da Alhandra que vão todos os domingos colher o *pulverem olympicum* da praça de Sanct'Anna, e que, á voz soberana e irresistivel de: *á unha, á unha, á cernelha!*.... correm a arcar com mais generosos, não mais possantes, animaes que elles, ao som das immensas palmas, e a trôco dos raros pintos por que se manifesta o sempre clamoroso e sempre vazio entusiasmo das multidões. Voltavam á sua terra os meus cinco luctadores ainda em trajo de praça, ainda esmurrados e cheios de glória da contenda da vespera. Mas aopé d'estes cinco e de altercação com elles—ja direi porquê—estavam seis ou sette homens que em tudo pareciam os seus antipodas. [8]

Emvez do calção amarello e da jaqueta de ramagem que caracterizam o homem do forcado, estes vestiam o amplo saiote grego dos varinos, e o tabardo arrequifado siciliano de panno de varas. O campino, assim como o saloio, tem o cunho da raça africana; estes são da familia pelasga: feições regulares e moveis, a fórmula agil.

Ora os homens do norte estavam disputando com os homens do sul: a questão fôra interrompida com a nossa chegada á proa do barco. Mas um dos Ilhavos—bella e poetica figura de homem—voltando-se para nós, disse n'aquelle seu tom accentuado:—'Ora aqui está quem hade decidir: vejam-n'os senhores. Elles, por agarrar um toiro, cuidam que são mais que ninguem, que não ha quem lhes chegue. E os senhores, a serem ca de Lisboa, hãode dizer que sim. Mas nós...' [9]

—Nenhum de nós é de Lisboa: so este senhor que

aqui vem agora.

Era o C. da T. que chegava.

—'Este conheço eu; este é dos nossos (bradou um homem de forcado, assim que o viu). Isto é um fidalgo como se quer. Nunca o vi n'uma ferra, isso é verdade; mas aqui de Vallada a Almeirim ninguem corre mais do que elle por sol e por chuva, e hade saber o que é um boi de lei, e o que é lidar com gado.'

—'Pois oiçamos lá a questão.'

—'Não é questão'—tornou o Ilhavo: 'mas se este senhor fidalgo anda por Almeirim, para Almeirim vamos nós, que era uma charneca o outro dia, e hoje é um jardim, benza-o Deus!—mas não foram os campinos que o fizeram, foi a nossa gente que o sachou e plantou, e o fez o que é, e fez terra das areas da charneca.'

—'Lá isso é verdade'.

[10]

—'Não, não é! Que está forte habilidade fazer dar trigo aqui aos nateiros do Tejo, que é como quem semeia em manteiga. É uma lavoira que a faz Deus por sua mão, regar e adubar e tudo: e o que Deus não faz, não fazem elles, que nem sabem ter mão n'esses monchões c'o plantio das arvores: so lá por cima é que algumas teem mettido, e é bem pouco para o rio que é, e as ricas terras que lhes levam as inchentes.—Mas nós, pe no barco pe na terra, tam depressa estamos a sachar o milho na charneca, como vimos por ahi abaixo com a vara no peito, e o saveiro a pegar n'area por não haver agua... mas sempre labutando pela vida'.

—'A fôrça é que se falla'—tornou o campino para estabelecer a questão em terreno que lhe convinha.—'A fôrça é que se falla: um homem do campo que se deita alli á cernelha de um toiro que uma companha inteira de varinos lhe não pegava, com perdão dos senhores pelo rabo!..'

E reforçou o argumento com uma gargalhada triumphante, que achou echo nos interessados circumstantes que ja se tinham apinhado a ouvir os debates.

[11]

Os Ilhavos ficaram um tanto abatidos; sem

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

